



# MULHERES

Um TRIBUTO às MULHERES

# ESPIAS

cuja GUERRA nas SOMBRAS

# EM TEMPO

SALVOU MILHARES de VIDAS

# DE GUERRA

ANN  
KRAMER

Foram envidados todos os esforços no sentido de contactar os detentores dos direitos de autor dos materiais citados. Nos casos em que o crédito é omitido, agradecemos que o detentor dos direitos entre em contacto com os editores, de modo a que estes possam efetuar as devidas correções em edições futuras.

# ÍNDICE

Agradecimentos .....	11
Cronologia.....	13
Introdução .....	19
I As Mulheres e a Guerra .....	27
II Espionagem e Paranoia na Primeira Guerra Mundial ....	41
III Espiar Durante a Ocupação .....	68
IV As Mulheres dos Bastidores.....	93
V O Executivo de Operações Especiais .....	126
VI Atrás das Linhas Inimigas .....	164
VII Agentes Desaparecidas .....	194
VIII Colocando os Pontos nos Is.....	224
Apêndice .....	233
Referências.....	243
Bibliografia.....	245
Índice Remissivo.....	249

## INTRODUÇÃO

# MULHERES DE CORAGEM

Em setembro de 2010, os jornais britânicos e a BBC anunciavam a morte solitária, aos 89 anos, num apartamento em Torquay, de uma «corajosa espia e heroína inglesa». Essa mulher era Eileen Nearne. Nos seus últimos anos, Eileen levava uma existência praticamente reclusa. Entre os seus vizinhos, poucos sabiam alguma coisa sobre ela ou acerca da sua extraordinária vida. Contudo, à medida que foram surgindo os primeiros detalhes, percebeu-se que Eileen Nearne, cuja sobrinha descreve como «uma pessoa muito reservada e modesta», foi uma das admiráveis mulheres recrutadas pelo Executivo de Operações Especiais<sup>4</sup> (SOE) durante a Segunda Guerra Mundial. Sob uma identidade falsa, foi enviada para França, então sob ocupação alemã, onde durante cinco meses assumiu funções de operadora de rádio — tendo enviado mais de cem mensagens para Londres. Capturada pela Gestapo, foi interrogada e torturada, mas conseguiu sobreviver e acabaria por fugir do campo de concentração de Ravensbrück. Reconhecendo a importância dos seus serviços, estiveram presentes no funeral vários militares veteranos, e o elogio foi conduzido por Adrian Stones, oficial do Special Forces Club, o clube sediado em Knightsbridge, Londres, fundado após a Segunda Guerra Mundial com o intuito de apoiar os veteranos do SOE.

---

<sup>4</sup> Special Operations Executive: uma organização britânica criada oficialmente por Winston Churchill e pelo Ministro da Economia e da Guerra, Hugh Dalton, em junho de 1940.

Talvez não seja surpreendente que poucas pessoas fora da família e do restrito círculo de Eileen soubessem muito a seu respeito. A espionagem é, por definição, uma atividade que envolve secretismo — um bom espião é capaz de passar despercebido numa multidão —, e raras são as mulheres, ou homens, que partilham a natureza das suas intenções. Também é seguro afirmar que, salvo raras exceções, no decurso da História, a maioria das espias ou agentes secretas, desde as corajosas mulheres do La Dame Blanche até, por exemplo, Noor Inayat Khan, raramente obteve o devido reconhecimento. É possível apontar várias razões para este fenómeno: historicamente, as ações das mulheres tendem a ser ignoradas, esquecidas ou ofuscadas pelas dos homens, e, simultaneamente, a natureza das próprias ações envolve elevada discrição. Em todo o caso, parece que as únicas espias de quem as pessoas geralmente se lembram são as mulheres que foram imortalizadas em obras de ficção ou se tornaram mesmo lendárias.

Se pedirmos a alguém para nomear uma espia, a resposta que vamos ouvir mais vezes será, provavelmente, o nome de Mata Hari. É, talvez, a mais conhecida das mulheres que desempenharam serviços de espionagem. Com um estilo de vida singular, uma sexualidade ousada e uma morte trágica perante um pelotão de fuzilamento em 1917, a vida de Mata Hari ganhou contornos míticos, e muito possivelmente influenciou a perceção geral que se tem das mulheres que desempenharam serviços de espionagem desde então. Contudo, é bem possível que Mata Hari nem sequer tenha sido uma espia, ou, se o foi, foi pouco competente, demasiado ingénua, revelando uma personalidade por demais atípica quando comparada com outras mulheres dos serviços de espionagem e informação.

Porém, a memória é efémera; três meses após a morte de Eileen Nearne ter sido noticiada, era o nome de outra mulher que figurava nas capas dos jornais: Katia Zatuliveter, assistente do então deputado parlamentar pelos Liberais Democratas, Mike Hancock, e que em

dezembro de 2010 era tida como suspeita de ser uma espia russa. Investigada pelo MI6 pelo potencial envolvimento com os serviços de informação russos, a sua imagem ia ao encontro do estereótipo de «típica» espia perpetuado pela cultura popular e pelos autores de histórias de espionagem ao longo dos tempos. Por conseguinte, a comunicação social focou-se na sua juventude, cabelo louro e estilo de vida aparentemente libertino.

Pode afirmar-se que existem duas imagens, dois estereótipos comumente associados às espias: a de Mata Hari, que faz uso da sexualidade, seduzindo homens incautos para lhes extrair segredos e informações de estratégia militar — um estereótipo que geralmente confere à espionagem o rótulo de «segunda profissão mais antiga do mundo» — e que poderá ter sido conduzida ao mundo da espionagem por motivos financeiros ou amorosos; e, por outro lado, a ideia da mulher extremamente virtuosa que morre tragicamente ao serviço da pátria amada. A história de Edith Cavell, também ela uma mulher da Primeira Guerra Mundial, é um perfeito exemplo deste segundo caso. Poder-se-ia dizer que representa o oposto de Mata Hari, ou seja, tudo o que é geralmente considerado bom e respeitável, por oposição ao que é associado a um comportamento moralmente condenável. Contudo, pode-se argumentar que ambas as imagens foram fabricadas por motivos de propaganda, e que apenas refletem visões predominantes e profundamente entranhadas sobre o papel das mulheres. Seja de que maneira for, estas imagens minimizam as verdadeiras qualidades e competências das mulheres no ramo da espionagem. Certamente que a realidade das mulheres que trabalharam com os serviços secretos e de informação durante a guerra era bem diferente do que se depreende destes estereótipos populares.

Embora habitualmente tido como um universo dominado pelos homens — e era-o, até figuras como Stella Rimington terem contribuído para uma mudança de paradigma — a espionagem, isto é,

o exercício da obtenção de informações secretas a respeito das intenções ou atividades de um inimigo, principalmente em tempos de guerra, contou muitas vezes com a participação de mulheres. Ao longo da História, e em tempos de guerra, muitas foram as mulheres que desempenharam papéis significativos no jogo secreto da recolha de informações, tanto a trabalhar como agentes infiltradas no terreno, a escutar e descodificar mensagens inimigas, como enquanto combatentes da resistência, investindo sobre o inimigo ao mesmo tempo que tentavam recolher informações militares decisivas. Alguns dos seus nomes, particularmente os das mulheres que trabalharam para o SOE, são relativamente conhecidos; outros, como os das que colaboraram com algumas redes de espionagem na Bélgica e em França durante a Primeira Guerra Mundial, caíram no total esquecimento.

Até à Segunda Guerra Mundial, muitos autores do sexo masculino, como Hamil Grant, que em 1915 publicou *Spies and Secret Service*, consideravam que uma mulher jamais seria uma boa espia. Grant acreditava que as mulheres não seriam capazes de mostrar verdadeiro patriotismo, que poderiam ser facilmente desviadas do seu curso por envolvimento românticos, e que não fariam o trabalho se este não lhes trouxesse consideráveis benefícios financeiros. Havia quem, por outro lado, acreditasse que as mulheres são seres naturalmente ambíguos e, por isso, deveriam ser sempre tratadas com muita cautela durante os tempos de guerra, pois poderiam ser agentes secretas. Autores como Richard Hannay ou Ian Fleming deram continuidade ao estereótipo, trivializando e sexualizando as agentes do sexo feminino nas suas obras, e retratando-as quase sempre como subordinadas aos homens.

Contudo, na realidade, as mulheres que em tempos de guerra desempenharam funções de espionagem raramente foram sedutoras implacáveis ou meros elementos passivos. Não havia nada de passivo ou subordinado nas patriotas belgas e francesas do La Dame

Blanche que arriscaram as suas vidas e as das suas famílias para espiar os alemães durante a ocupação da Bélgica e da França, tendo enviado informações preciosas para a Grã-Bretanha durante a Primeira Guerra Mundial. E fizeram-no sem terem obtido qualquer tipo de recompensa por assumirem esse risco. Do mesmo modo, não havia nada de passivo, subordinado ou libidinoso no que diz respeito a mulheres como Noor Inayat Khan, Violette Szabo e Yvonne Cormeau, que arriscaram — e em muitos casos perderam — as suas vidas ao trabalharem infiltradas em França durante a ocupação Nazi, na Segunda Guerra Mundial. Em ambos os casos, estamos a falar de mulheres extremamente corajosas e patrióticas.

Houve quem se opusesse ao uso de mulheres em operações secretas durante a Segunda Guerra Mundial — os riscos eram enormes e, com base nos relatórios dos instrutores durante o treino, havia muitos homens que duvidavam das capacidades das mulheres ou que acreditavam que esse tipo de trabalho não deveria ser levado a cabo por elas. No entanto, acabaria por se decidir incluí-las nas operações secretas dos serviços de espionagem.

E, claro, as mulheres podem ser excelentes agentes em tempos de guerra. De um ponto de vista prático, conseguem desempenhar as suas funções de uma forma mais discreta do que os homens, sendo que geralmente conseguem montar redes de informação com mais facilidade do que os homens, e, segundo, Selwyn Jepson, que foi recrutador do SOE, demonstram um tipo de coragem maior e mais solitária que a dos homens — algo que foi muitas vezes demonstrado. Infelizmente, contudo, muitos dos feitos destas mulheres, e até os seus nomes, foram esquecidos ou simplesmente ignorados. Muito poucas conseguiram alcançar algum tipo de fama. Muita gente conhece o nome de Violette Szabo, heroína honrada com a George Cross<sup>5</sup>, mas serão poucas as pessoas familiarizadas com

---

<sup>5</sup> A mais alta condecoração civil do Reino Unido.



a humilde Noor Inayat Khan, também agraciada com a Cruz, e menos ainda com Madeleine Damerment ou as suas colegas francesas, que já tinham arriscado as suas vidas com a Resistência antes de se juntarem às operações especiais.

A trabalhar a partir de posições mais seguras durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, centenas de outras mulheres podem até não ter arriscado a vida no terreno, contudo, as suas contribuições para o jogo secreto da espionagem foram igualmente importantes, pois coligiram informação que levaria à detenção de espiões inimigos, encriptaram e descodificaram mensagens importantes e escutaram o inimigo incansavelmente. A contribuição e a dedicação destas mulheres foram notáveis e, ainda assim, poucos são os que se lembram dos seus nomes. Aquelas que operaram as magníficas *bombes*<sup>6</sup> e outros aparelhos de descodificação também contribuíram em grande escala para a guerra oculta dos serviços de informação — algo que obteve algum reconhecimento na altura, mas que também acabaria por ser esquecido.

Desvendar os nomes das espias da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, e das mulheres que trabalharam nas sombras durante ambas as guerras, sendo que a maioria me era completamente desconhecida, tem sido para mim uma experiência fascinante. Ler os seus dossiês nos Arquivos Nacionais e descobrir os seus feitos foi arrebatador. Longe de serem ingénuas ou passivas, as mulheres que fui conhecendo no decurso da minha investigação eram perspicazes, determinadas, e tomavam decisões de uma forma proativa, baseadas num ideal ou no patriotismo, ou ambos, e sempre conscientes de que poderiam estar a colocar as suas vidas em perigo. Também levavam a questão do secretismo muito a sério — contrariamente ao que sugere o estereótipo que ilustra as mulheres como dadas a intrigas

---

<sup>6</sup> A bomba eletromecânica, «bombe», era um aparelho utilizado pelos criptógrafos britânicos para descodificar mensagens secretas alemãs.

e boatos, estas mulheres mantinham a boca fechada, independentemente do que lhes pudesse ser feito. O seu trabalho era perigoso, e algumas morreram a fazê-lo. Os seus nomes e feitos merecem um maior reconhecimento do que aquele que lhes foi prestado.

Estou em dívida para com Tammy Proctor, cujo excelente livro *Female Intelligence: Women and Espionage in the First World War* me apresentou a pouco conhecida rede de informação La Dame Blanche, a respeito da qual eu nada sabia quando comecei a escrever este livro, e que por sua vez me deu a conhecer o capitão Landau, e ainda pela sua acutilante análise dos estereótipos e perceções ideologicamente deturpadas sobre as espias. Gostaria também de agradecer a Madeleine (Maddy) Brooke pelo tempo que me disponibilizou, pela sua paciência e pela amabilidade em partilhar comigo informações sobre a sua espantosa família, particularmente a sua tia, Madeleine Damerment, que trabalhou para o SOE e morreu em Dachau em 1944, juntamente com outras três mulheres. Estou-lhe imensamente grata por me ter dado acesso a documentos e objetos pertencentes à sua família — bem sei que não lhe é fácil falar sobre este assunto. Agradeço a Helen Currie por ter conversado comigo sobre a sua vida enquanto operadora de máquinas criptográficas — as famosas máquinas *Tunny* — ao serviço do ATS<sup>7</sup> em Bletchley Park e por me ter autorizado a citar material dos seus registos pessoais. Agradeço ainda a Cynthia Waterhouse pela permissão para citar documentos seus que se encontram no Departamento de Documentação do Imperial War Museum. Agradeço também aos funcionários dos Arquivos Nacionais — os arquivos são um recurso fantástico, facilmente me perderia neles para não regressar tão cedo —, que foram incrivelmente prestáveis. Gostaria igualmente de expressar o meu sincero agradecimento aos funcionários do Departamento de Documentação do Imperial War Museum, que nunca deixaram

---

<sup>7</sup> Auxiliary Territorial Service.

de responder às minhas questões e de me auxiliar. Por fim, agradeço à Igreja de St. Paul, em Knightsbridge, por me ter fornecido fotografias do Memorial às Agentes do Women's Transport Service, e a Simon Adams, que montou na sua bicicleta e enfrentou um dia chuvoso para fotografar o mural de Violette Szabo e a placa azul em Stockwell. Estou-lhes imensamente grata.

CAPÍTULO I  
AS MULHERES E A GUERRA

---

«O fardo e os horrores da guerra  
pesam mais às mulheres.»

MARGARET SANGER

---

A guerra tem um impacto profundo na vida das mulheres, seja no quotidiano doméstico, nos territórios ocupados ou no campo de batalha. Com o advento da guerra total e a mobilização em massa de civis durante o século xx, o envolvimento formal das mulheres na guerra aumentou consideravelmente. O efeito das duas guerras mundiais na vida das mulheres foi maior do que durante qualquer outro conflito armado, muito por causa dos bombardeamentos aéreos, das invasões inimigas e do súbito recrutamento de populações inteiras, que trouxe a guerra para dentro do lar e afetou as vidas dos civis na frente doméstica — um termo cunhado durante a Primeira Guerra Mundial — quase tanto como as dos soldados enviados para a linha da frente. Durante as duas guerras mundiais, as mulheres desempenharam uma miríade de tarefas: cuidaram das casas e das famílias, desempenharam funções inerentes à própria guerra no seio das Forças Armadas enquanto enfermeiras e médicas, ou ainda como coletoras de informações, espias e combatentes da resistência. Até então, muitas destas funções — embora não todas — eram desempenhadas apenas por homens, pois acreditava-se que só eles tinham as capacidades necessárias.

## ABRINDO AS PORTAS DA CASA DE BONECAS<sup>8</sup>: O TRABALHO DAS MULHERES DURANTE A GUERRA

Em 1917, escrevendo sobre o envolvimento das mulheres na guerra, a jornalista e feminista norte-americana Mabel Potter Daggett afirmava: «Creio que podemos registrar para a posteridade que a 4 de agosto de 1914 a porta da Casa de Bonecas foi aberta. Pois o tiro que ecoou na Sérvia foi como um chamamento que levou os homens a retomarem a sua mais antiga ocupação — e as mulheres a assegurarem todas as outras.» De certa forma, Daggett estava correta; entre 1914 e 1918, e sobretudo entre 1939 e 1945, as exigências da guerra levaram a que um número progressivamente maior de mulheres se visse afastado do seu tradicional papel doméstico, para passar a desempenhar funções até então levadas a cabo exclusivamente pelos homens.

Na Grã-Bretanha, no início da Primeira Guerra Mundial, muitas mulheres, incluindo as que tinham passado os anos anteriores a lutar pelo direito ao voto, exigiam agora o direito a terem uma participação ativa no esforço de guerra. Uma das principais vozes nesse sentido foi a da sufragista Millicent Fawcett, que escreveu, em *The Common Cause*: «Mulheres, o vosso país precisa de vocês [...] vamos mostrar que somos merecedoras do nosso estatuto de cidadãs, independentemente de as nossas vozes, enquanto o reclamamos, serem ou não ouvidas.» Também Emmeline Pankhurst, a carismática líder do Women's Social and Political Union (WSPU), suspendeu as atividades das sufragistas e utilizou a sua influência junto do governo britânico, ajudando ativamente no recrutamento de homens — ela e as suas apoiantes eram conhecidas pelo seu envolvimento no movimento da Ordem da Pluma Branca — e instando o governo a contar também com as mulheres no esforço de guerra. Estes apelos levaram a

---

<sup>8</sup> Referência à peça de Henrik Ibsen, escrita no final da década de 1870, na qual o autor denunciava a exclusão das mulheres na sociedade norueguesa.

uma divisão nos movimentos das mulheres, mas, ainda assim, à medida que um número cada vez maior de homens perdia a vida nas trincheiras, cerca de dois milhões de mulheres ingressaram na força de trabalho, trabalhando pela primeira vez como motoristas de autocarro ou elétrico, pintoras, decoradoras, funcionárias dos correios e das instituições bancárias, talhantes, operárias nas fábricas de produção de balas, produzindo milhares de cartuchos enquanto as suas faces e cabelo assumiam tonalidades amareladas por causa do DDT. As mulheres trabalharam como limpa-chaminés, na distribuição de leite, fizeram trabalho agrícola no recém-formado Women's Land Army, e empregaram-se como auxiliares de comunicações e polícias.

Pelo final da Primeira Guerra Mundial, as mulheres britânicas, bem como as dos outros países envolvidos no conflito, desempenhavam todos os trabalhos imagináveis para contribuir para o esforço de guerra — e isto numa altura em que, com a exceção da Austrália e da Nova Zelândia, as mulheres não tinham direito ao voto, nem muitas pessoas achavam que deveriam ter. O envolvimento destas mulheres no esforço de guerra não levou, necessariamente, a que se abrisse a porta da «casa de bonecas», contudo, independentemente do preconceito que imperava, foi um começo, um desafio à imagem convencional da mulher, questionando o seu papel exclusivamente doméstico. Tanto que, em janeiro de 1919, o *The Times* incluía um artigo sobre uma exposição no Imperial War Museum acerca do papel das mulheres durante a guerra, que prometia mostrar ao público a «extraordinária variedade» de trabalhos levados a cabo pelas mulheres na frente doméstica e nos hospitais militares.

No dia 11 de novembro de 1918 as armas silenciaram-se e a Primeira Guerra Mundial chegou ao fim. À medida que os soldados sobreviventes regressavam a casa, as mulheres eram encorajadas a abandonar os trabalhos pagos que tinham desempenhado durante a guerra e a regressar à vida doméstica. A maioria fê-lo, algumas até com alívio, mas nada voltaria a ser como antes.

Durante os anos entre as duas grandes guerras, as mulheres da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e de outros países conquistaram, finalmente, o direito ao voto. Começaram a frequentar a universidade, e logo surgiram inúmeros empregos para mulheres. Mas a Primeira Guerra Mundial deixou também uma outra herança: muitas mulheres perderam os seus noivos e maridos na guerra, e muitas permaneceram solteiras, acabando por levar vidas independentes. Contudo, em meados da década de 1930, a depressão económica, bem como a alarmante ameaça do crescimento do fascismo em Itália e do nazismo na Alemanha, eram sinais de que um segundo conflito de grandes proporções poderia estar a emergir. Na Grã-Bretanha, a partir de 1938, o governo começou a fazer planos e a preparar-se para a possível iminência de um estado de guerra.

Até certo ponto, o envolvimento das mulheres no esforço de guerra durante a Primeira Guerra Mundial foi voluntário, alimentado por uma onda de patriotismo e propaganda governamental, bem como pela necessidade de substituírem os homens nos seus trabalhos enquanto estes combatiam. Durante a Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha estabeleceu o estado de «guerra total», e as estratégias para o recrutamento de mulheres tornaram-se ainda mais intensas, com a propaganda a ser emitida pela rádio, dizendo às mulheres que se apressassem a chegar às fábricas e a «fazerem a sua parte». A partir da primavera de 1941, todas as mulheres britânicas entre os 18 e os 60 anos tinham de se registar e, caso fossem consideradas aptas, escolher a função que iriam desempenhar durante a guerra. A necessidade de recrutar mulheres era tão grande que, em dezembro de 1941, de acordo com o National Service Act (2)<sup>9</sup>, o governo britânico tomou a medida sem precedentes de alargar o recenseamento às mulheres solteiras entre os 20 e os 30 anos de

---

<sup>9</sup> O National Service (Armed Forces) Act de 1941 (2), seguiu-se ao de 1939. O primeiro tornou a conscrição obrigatória para os homens entre os 18 e os 41 anos. O segundo fez o mesmo para as mulheres, mas diferenciando as idades.

idade, tendo, contudo, sido enfatizado que estas não pegariam em armas. No final da guerra, o número de mulheres britânicas que contribuía para o esforço de guerra rondava os sete milhões e 750 mil, mais dois milhões do que em 1939. Mais uma vez, as mulheres esforçavam-se em todas as áreas imagináveis, trabalhando nos caminhos de ferro, nos estaleiros, nos transportes e nas fábricas. Cerca de 80 mil mulheres trabalhavam na agricultura ao serviço do Women's Land Army e do Women's Timber Corps, ajudando assim a garantir cerca de 70 por cento da produção de comida até junho de 1943. Havia mulheres a trabalhar como engenheiras, soldadoras, carpinteiras e eletricistas; construíram estradas e balões barragem, conduziram tratores e lavraram a terra. Estas mulheres ajudaram a produzir milhões de toneladas de armamento, contudo, recebiam um salário inferior ao dos seus colegas do sexo masculino que faziam exatamente o mesmo trabalho.

A entrada das mulheres no mercado de trabalho, até então dominado pelos homens, quer na agricultura, quer na indústria, não deixou de gerar controvérsia. Durante ambas as guerras, era frequente as mulheres serem alvo de comentários, discriminação e considerável oposição por parte dos sindicatos masculinos, que temiam que a presença feminina no mercado de trabalho pudesse colocar em risco o estatuto e os ordenados dos trabalhadores do sexo masculino. No decorrer da Primeira Guerra Mundial, as mulheres trabalhadoras eram com frequência ridicularizadas em revistas como a *Punch*, e existia a considerável preocupação de que o envolvimento das mulheres no mundo laboral, considerado mais adequado aos homens, pudesse prejudicar a frágil feminidade destas, ou pior, deturpar-lhes os valores morais. Houve vários debates no parlamento e na comunicação social a respeito da entrada das mulheres no mundo do trabalho, particularmente das que eram casadas. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, Winston Churchill expressou a sua preocupação quanto à possibilidade de



o trabalho das mulheres nas fábricas poder afetar consideravelmente a vida familiar. Ainda assim, em 1943, na Grã-Bretanha, nove em cada dez mulheres solteiras e oito em cada dez mulheres casadas estavam oficialmente envolvidas no esforço de guerra, fosse a trabalhar na agricultura, na indústria da guerra ou nas Forças Armadas.

## FORÇAS FEMININAS

A partir de 1917, para que mais homens pudessem partir para combate, tanto as mulheres britânicas como as americanas passaram a fazer parte das Forças Armadas. No Reino Unido, o Women's Army Auxiliary Corps (WAAC) e o Women's Royal Naval Service (WRNS) foram fundados em 1917; um ano depois foi criado o Women's Royal Air Force (WRAF). Estas mulheres usavam uniforme e eram treinadas, mas na altura, como agora, não lhes era permitido combater. Em vez disso, desempenhavam uma variedade de tarefas de apoio, ocupando-se do trabalho administrativo e dos serviços de refeições. Trabalhavam como telefonistas, desempenhando várias tarefas em colaboração com os serviços de informação, ouvindo e transmitindo mensagens, algumas destas intercetadas de fontes inimigas.

Quando a guerra rebentou em 1939, as mulheres britânicas apresaram-se a ingressar no Auxiliary Territorial Service (ATS), a secção feminina do exército, no Women's Royal Naval Service (WRNS) e no Women's Auxiliary Air Force (WAAF). Além destes, existia ainda o Women's Transport Service (WTS). Em 1943 havia mais de 500 mil mulheres ao serviço do ATS, do WRNS e do WAAF. Nos Estados Unidos, as mulheres juntaram-se ao Women's Army Corps (WAC) e foram enviadas para todos os cenários onde o seu trabalho pudesse ser útil. Mais uma vez, não era permitido às mulheres que desempenhavam estes serviços auxiliares participar em qualquer tipo de combate. Trabalhavam como motoristas ou cozinheiras, e assumiam

funções administrativas de modo a que o maior número possível de homens pudesse partir para a frente de combate. À medida que a guerra avançava, contudo, as mulheres começaram a assumir funções também nos centros de comando e nas salas de operações, na qualidade de telefonistas ou operando radares e rádios para darem apoio aos navios e aviões. As mulheres podiam até não estar formalmente autorizadas a combater, contudo, trabalhavam lado a lado com os homens na artilharia antiaérea; podiam não ser elas quem pressionava o gatilho, mas certamente ajudavam a indicar a posição dos alvos.

## MULHERES NA LINHA DA FRENTE

Assume-se geralmente que as mulheres ao serviço das Forças Armadas não partem para o combate direto — e no caso do Reino Unido e dos Estados Unidos isso foi verdade até há bem pouco tempo. Contudo, a realidade de muitas mulheres em tempos de guerra tem sido bem diferente. Ao longo da História tem havido mulheres guerreiras, como a rainha Boadiceia, enquanto outras desafiaram individualmente as convenções e combateram lado a lado com os homens. Um dos mais notáveis exemplos é o da inglesa Flora Sandes, que combateu no Exército sérvio durante a Primeira Guerra Mundial, tendo acabado por ascender à posição de capitão. Ainda durante a Primeira Guerra Mundial, mulheres russas combateram no chamado Batalhão da Morte; liderado por Maria Botchkareva, este era constituído por cerca de 300 mulheres que lutaram na linha da frente juntamente com os homens, e acabaria por sofrer pesadas baixas. No decorrer da Segunda Guerra Mundial, mulheres aviadoras das Forças Armadas russas, conhecidas como «As Bruxas da Noite», levaram a cabo mais de 23 mil bombardeamentos noturnos sobre território alemão, tendo como alvos os caminhos de ferro, armazéns de

munições e a artilharia. Também nos territórios ocupados as mulheres pegaram em armas para se defenderem e às suas famílias, tendo-se juntado aos movimentos de resistência, atacando e matando o inimigo. A visão das mulheres enquanto não-combatentes é, por isso, um tanto ou quanto imprecisa.

Durante as duas guerras mundiais, as mulheres encontraram o seu caminho até às linhas de combate assumindo as posições de enfermeiras, condutoras de ambulâncias e cozinheiras. Os cuidados de enfermagem tendem a ser uma função tradicionalmente associada às mulheres, contudo, graças a pioneiras como Florence Nightingale durante a Guerra da Crimeia, legitimou-se a ideia de que também as mulheres podem exercer nas linhas de combate. A sociedade, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, via as enfermeiras como seres angelicais a refrescar testas febris. Mas, como seria de esperar, a realidade dos serviços de enfermagem durante a guerra não era assim tão simples. As mulheres, muitas delas provenientes de ambientes mais privilegiados, deparavam-se com os horrores dos ferimentos de guerra e as péssimas condições em que tinham de executar o seu trabalho, como a escassez de recursos, muitas vezes debaixo de fogo inimigo, trabalhando em hospitais de campanha não muito longe da primeira linha de combate. Segundo as leis da guerra, as mulheres não deveriam prestar serviços de enfermagem em pleno campo de batalha, mas na prática foram muitas as que o fizeram, incluindo as ousadas Elsie Knocker e Marie Chisholm, que montaram um posto de primeiros socorros em Pervyse, na Bélgica, em plena linha da frente — o que lhes valeu a British Military Medal por terem resgatado um piloto britânico da «terra de ninguém». Mulheres como a escocesa Dra. Elsie Inglis, que após ver a sua intenção de ajudar ser recusada pelo British War Office — disseram-lhe «Vá para casa e fique sossegada» —, fundou os seus próprios hospitais em França, na Roménia e na Sérvia durante a Primeira Guerra Mundial. E, 20 anos depois, milhares

de mulheres mantiveram viva a tradição, trabalhando como enfermeiras e médicas na Grã-Bretanha e nos territórios estrangeiros diretamente afetados pela guerra, em hospitais de campanha improvisados tão perto quanto possível da linha da frente, muitas vezes debaixo de constantes e pesados bombardeamentos.

Constituída sobretudo por mulheres privilegiadas e audazes, uma das unidades uniformizadas que ficou bastante conhecida durante a Primeira Guerra Mundial foi a First Aid Nursing Yeomanry (FANY), fundada em 1907. As FANY (como ficariam apelidadas) conduziram ambulâncias em França e no Reino Unido, e tornaram-se célebres pelos seus feitos ousados. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, eram uma fonte de recrutamento para os serviços de informação e operações especiais britânicos.

## A ESPIONAGEM E OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO

---

«Seja em tempos de guerra, seja em tempos de paz, os governos irão sempre procurar informação sobre outros países para terem vantagem em questões de política internacional.»

STELLA RIMINGTON

---

A guerra não acontece exclusivamente no campo de batalha. Há toda uma guerra secreta travada pelos governos e pelas Forças Armadas enquanto tentam descobrir os planos dos seus inimigos. A espionagem e os serviços de informação constituem uma parte fundamental de qualquer guerra, mas não têm visibilidade no domínio público. Esta faceta da guerra é geralmente encarada como um «trabalho de homens», porém, ao longo da História, as mulheres também desempenharam um papel importante no jogo invisível da espionagem.

No decurso das duas guerras mundiais, as mulheres eram presença bastante visível nas filas de distribuição de alimentos, lutando para sustentar os seus lares e famílias, e trabalhavam muitas vezes como voluntárias ou nos serviços de proteção civil, nas fábricas ou como membros auxiliares das Forças Armadas. Contudo, um dos papéis assumidos pelas mulheres em tempos de guerra era bem menos visível e menos conhecido — o de recolher informação secreta e colaborar com os serviços de espionagem.

Durante a Primeira Guerra Mundial, um grande número de mulheres extremamente corajosas, cujos nomes são praticamente desconhecidos nos dias de hoje, trabalhou enquanto espias para os serviços de informação britânicos nos territórios ocupados, obtendo e transmitindo informações que seriam mais tarde utilizadas para delinear estratégias de combate. Mulheres em todo o Reino Unido começaram a colaborar com os recém-criados serviços secretos britânicos, escutando sinais inimigos, ajudando a codificar e descodificar mensagens, e mantendo debaixo de olho pessoas suspeitas de espiares para o inimigo e outras atividades de espionagem. Como descreveu Tammy Proctor no seu excelente livro *Female Intelligence: Women and Espionage in the First World War*, só muito recentemente é que o contributo destas mulheres começou a ser reconhecido.

Vinte anos depois, o número de mulheres que trabalhavam nos serviços de informação era ainda maior, enquanto outras eram treinadas e equipadas para se tornarem espias e operarem junto dos movimentos de resistência atrás das linhas do inimigo, adotando identidades falsas e arriscando as suas vidas. Apesar de algumas das mulheres espias da Segunda Guerra Mundial se terem tornado relativamente conhecidas, as que o fizeram na Primeira Guerra Mundial foram praticamente esquecidas, salvo raras e notáveis exceções. É óbvio que, por definição, o exercício da espionagem é muito reservado, e muitas mulheres jamais falaram do seu trabalho, mesmo após o fim da guerra. Contudo, esta invisibilidade poderá

também ser um indicador de que as espias, e as demais trabalhadoras dos serviços de informação, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, têm sido subvalorizadas, ou até trivializadas, pois só recentemente é que os seus esforços e contributos começaram a ser considerados com a mesma seriedade que aqueles alcançados pelos homens. Pode também sugerir que o recurso a mulheres para levar a cabo atividades de espionagem era visto, de algum modo, como inapropriado.

Não há novidade alguma no facto de ao longo da História terem existido — e continuarem a existir — mulheres espias. Porém, grande parte dos exemplos que nos chegam — principalmente por intermédio de autores do sexo masculino — tendem a sublinhar a sexualidade feminina enquanto pré-requisito para o trabalho. Podemos recuar até aos tempos bíblicos e encontrar mulheres que exerciam funções de espionagem — Dalila é tida por muitos historiadores como o exemplo mais antigo de que há registo. Mais recentemente, durante a Guerra Civil Americana, por exemplo, várias mulheres, como Belle Boyd ou Harriet Tubman, trabalharam como espias. Belle Boyd colaborou com a Confederação, operando a partir de casa do seu pai e passando informações aos generais dos estados confederados. Acabaria por ser traída e presa. Harriet Tubman, a abolicionista negra que liderou o famoso Underground Railroad<sup>10</sup>, colaborou com a União, aventurando-se em território inimigo para recolher importantíssimas informações militares. Ainda no século xvii, a escritora Aphra Behn colaborou com o governo britânico enquanto espia, apesar de as informações que obteve não terem sido consideradas.

Nos dois séculos que se seguiram, muitas outras mulheres, incluindo Gertrude Bell, foram incumbidas de recolher informação

<sup>10</sup> O Underground Railroad era uma rede de pessoas, afro-americanas e brancas, que ofereciam abrigo e ajuda a escravos fugidos do Sul.

importante para o governo britânico. Na verdade, Bell foi a primeira mulher a ser formalmente contratada pelos especialistas em informação do governo britânico enquanto oficial política. Nascida em 1868, estudou História na Universidade de Oxford, onde concluiu o seu percurso académico com distinção, apesar de, até 1920, a instituição não atribuir graus académicos a mulheres. Viria a ser uma das grandes mulheres vitorianas que viajaram pelo mundo, tendo passando grandes temporadas no Médio Oriente. Forneceu mapas e outras informações importantes ao governo britânico que, dadas as tensões políticas da altura, lhe ficou muito grato. Em 1916 foi oficialmente contratada pelo Arab Bureau<sup>11</sup>.

A espionagem é um jogo perigoso: seja homem ou mulher, uma pessoa que adota uma identidade falsa para obter informações confidenciais junto de um inimigo estará sempre a arriscar a própria vida — algo que Marthe Richer, espia da Primeira Guerra Mundial, fez questão de deixar bem claro no seu livro *I Spied for France*. É comumente aceite que as mulheres dão excelentes espias, particularmente em tempos de guerra, pois conseguem passar despercebidas em situações em que um homem, com ou sem uniforme, teria maior probabilidade de levantar suspeitas. Além disso, as mulheres criam ligações e redes com mais facilidade, que acabam por constituir excelentes canais para transmitir informação, e, por isso, são muitas vezes tidas como «coscuvilheiras». Encontram-se, contudo, numa situação tão vulnerável como os homens. No Reino Unido, o recurso a mulheres para trabalhos de espionagem foi, de certa forma, aleatório até ao início do século xx; estas acabavam por trabalhar de um modo informal e em ambientes específicos, como o círculo diplomático. Contudo, com a fundação dos primeiros serviços secretos britânicos, em 1909, e o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, obter colaboradores para os serviços

---

<sup>11</sup> Uma secção do Departamento de Serviços de Informação do Cairo.

de informação era absolutamente crucial e o processo de recrutamento deu-se de forma bem mais organizada e profissional.

---

«Ser espia em tempo de guerra é sinónimo de desempenhar um trabalho difícil e muito arriscado. Uma vez associada aos “Serviços Secretos”, uma pessoa está sempre a trabalhar às escuras, e à mercê de se ver encurralada a qualquer momento — de ter um encontro secreto e misterioso com a morte, ou de enfrentar um pelotão de fuzilamento.»

MARTHE RICHER

---

## APHRA BEHN 1640–1689

Geralmente considerada uma das primeiras mulheres inglesas a ganhar a vida com a sua escrita, Aphra Behn foi também espia. Contudo, talvez por ser mulher, as informações que recolheu não foram valorizadas. Existe algum debate relativamente à história da sua vida, mas é provável que tenha nascido em Wye, perto de Canterbury. A sua mãe, Elizabeth Denham, trabalhava como ama para a abastada e influente família Culpepper que, por volta de 1663, visitou o Suriname, tendo levado Aphra consigo. De volta ao Reino Unido, em 1664, Aphra conheceu e casou com Johan Behn, um mercador de ascendência holandesa ou alemã. Não há um consenso relativamente ao facto de os dois terem ou não casado, mas, de qualquer modo, Johan morreu pouco tempo depois. Tendo-se tornado parte dos círculos da coroa, graças à sua ligação aos Culpepper, Aphra Behn foi recrutada para ser



espia em 1666. A Segunda Guerra Anglo-Holandesa tinha tido início no ano anterior e, usando o nome falso de Astrea — um nome que voltaria a usar para publicar os seus escritos —, Aphra Behn, que falava alemão fluentemente, foi enviada para Antuérpia para recolher informações quanto às capacidades militares e intenções políticas do Exército holandês em relação à Grã-Bretanha. E foi isso que fez, tendo enviado a informação encriptada de que o almirante holandês Michiel de Ruyter planeava enviar brulotes<sup>12</sup> contra a Armada britânica. Por algum motivo — muitos acreditam que tenha sido por ser mulher —, a informação comunicada por Aphra Behn foi ignorada. A Marinha holandesa acabou por, efetivamente, navegar as águas do Tamisa e lançar fogo às embarcações britânicas que encontrou. Para piorar a situação, Aphra Behn foi culpada pelo incidente e nunca foi paga pelos seus serviços de espionagem. Depois desta experiência, Aphra Behn fez da escrita a sua fonte de rendimentos, sendo de sua autoria alguns dos textos escritos por mulheres mais importantes do século XVII. Morreu em 1689 e foi enterrada no Canto dos Poetas, na Abadia de Westminster.

---

<sup>12</sup> Navios carregados de material explosivo e inflamável.

# ESPIAR EM TEMPO DE GUERRA É ARRISCADO E PERIGOSO

Como Marthe Richer disse sobre as suas atividades de espionagem durante a Primeira Guerra Mundial, «a qualquer momento pode-se ser preso e ir ao encontro da morte». Apesar do perigo, foram muitas as mulheres que trabalharam como espias durante as duas guerras mundiais. Algumas sobreviveram, mas foram mais as que não regressaram a casa.

De Mata Hari a Odette Sansom, raramente as mulheres que se dispuseram a espiar para os seus países receberam o devido reconhecimento. Com frequência banalizadas em livros e filmes, estereotipadas como *femmes fatales* ou ingénuas, a verdade é bem diferente. Trabalhando sob identidades falsas como correios ou operadoras de rádio, o seu contributo foi inegável. Oriundas de todos os estratos da sociedade, muitas exibiram qualidades inesperadas. Algumas provaram ser excelentes líderes, como Pearl Witherington, ou possuir tremenda desconfiança, como Nancy Wake; muitas outras, como Noor Inayat Khan, mostraram uma coragem excepcional durante privações terríveis.

**Ann Kramer dá-nos a conhecer mulheres notáveis, os motivos pelos quais aceitaram uma missão tão arriscada e as tarefas que desempenharam. Com base em depoimentos e arquivos pessoais, este livro é uma leitura fascinante.**

**v o g a i s**

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-707-984-9



9 789897 079849

História